

INTRODUÇÃO

ATUALIZAÇÕES CONTEMPORÂNEAS NOS CONCEITOS E NAS TEORIAS DO JORNALISMO: uma necessidade iminente



TIM P. VOS
Universidade Estadual de Michigan, EUA

MARCOS PAULO DA SILVA
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

O primeiro quarto do século XXI tem apresentado ao mundo inúmeros dilemas – desde desafios à sustentabilidade e à viabilidade do próprio planeta às disrupções de uma ideia de ordem social e de consensos estabelecidos há séculos. Essas circunstâncias também têm confrontado o jornalismo como instituição social e feito com que suas funções sociais, orientações epistemológicas, fundamentos econômicos e potencialidades tecnológicas encontrem-se em constante fluxo. Tais desafios não possuem resoluções fáceis e têm exigido reflexões aprofundadas.

Esse cenário disruptivo também tem causado desafios à constituição do jornalismo como campo acadêmico. Pesquisadores como Carlson et al. (2018), por exemplo, reconhecem os últimos 25 anos como um período de consolidação internacional do campo. Os autores têm identificado o período como uma quinta fase histórica dos estudos acadêmicos em jornalismo, época na qual

os desenvolvimentos sociotécnicos permitiram o início de sua era digital. Durante esse quarto de século, os estudos em jornalismo passaram a se institucionalizar por meio da criação e da consolidação de revistas científicas, de associações acadêmicas e de programas universitários.

Como não poderia ser diferente, o Brasil também faz parte dessa história. A pesquisa em jornalismo ganhou força no país na virada do milênio com o estabelecimento de iniciativas como a fundação da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), a institucionalização de eventos e de programas de pós-graduação e o desenvolvimento de linhas de pesquisa específicas nas universidades. Esse processo foi também acompanhado pela criação de revistas especializadas, como a própria *Brazilian Journalism Research*, publicação que tem se dedicado ao intercâmbio internacional de pesquisas brasileiras nas últimas duas décadas.

Todavia, embora o primeiro quarto do século XXI tenha se destacado como um período particularmente importante para a institucionalização dos estudos em jornalismo, autores como Carlson et al. (2018) também alertam para o fato de que o fortalecimento crescente da área acadêmica tem coincidido com o declínio do jornalismo tradicional e com a ascensão de questões controversas sobre sua legitimidade e sustentabilidade como prática social e modelo de negócios. É bem verdade que esse cenário paradoxal não deixa de constituir uma oportunidade ímpar para a leitura crítica do campo contemporâneo dos estudos em jornalismo (Carlson et al., 2018), foco desta reflexão.

Não por acaso, as teorias e conceitos relacionados ao jornalismo têm passado por um período histórico que desafia seus limites em termos empíricos, normativos, epistemológicos e mesmo ontológicos (McBride & Rosenstiel, 2013; Mellado et al., 2020; Waisbord, 2017). Nesse horizonte, o cenário de incertezas – de reconsideração, de reconstrução e de resignificação – das teorias e dos conceitos que ajudam a explicar a prática jornalística contemporânea tem se relacionado diretamente com as rupturas que o jornalismo tem experimentado nas últimas décadas, sejam elas direcionadas ao seu estatuto como instituição social (Vos, 2019; Vos, 2022), como campo (Benson & Neveu, 2005), como profissão (Hanitzsch et al., 2019), como linguagem (Schudson, 2011; Barnhurst & Nerone, 2001) ou como forma de conhecimento da realidade concreta (Pontes, 2017).

É fato que algumas das transformações estruturais previstas na virada do milênio se concretizaram, enquanto outras não. Pode-se afirmar com certeza, no entanto, que novos desafios emergiram, carregados de múltiplas e intensificadas ameaças, embora não inesperadas. Assim, o que começou como otimismo em relação ao potencial democrático da horizontalidade das redes (Castells, 2012; Delarbre, 2009) endereçou-se a um quadro desafiador com a disseminação de desinformação e de notícias falsas e, conseqüentemente, com o aumento nos índices de desconfiança nas notícias (Carlson et al., 2021; Pickard, 2019; Westlund & Hermida, 2021; Ekström et al., 2019; Silva, 2022). Faz-se preciso considerar também o potencial disruptivo da inteligência artificial, cenário antes confinado a filmes de ficção científica – do clássico *Metropolis* (1927), de Fritz Lang, passando por *Blade Runner* (1982), de Ridley Scott, e por *Matrix* (1999), de Lana e Lilly Wachowski. Os dilemas contemporâneos trazidos pela inteligência artificial têm rapidamente se tornado parte do mundo do jornalismo, tocando em questões éticas e técnicas e redundando em dilemas para temas como autoria, substituição da força de trabalho e crise das noções de verdade e de verossimilhança, com elevada instrumentalização em estratégias desinformativas.

O jornalismo na entrada do século XXI: disrupções e atualizações conceituais

Reconhece-se, portanto, que o jornalismo tem se deparado com muitas mudanças estruturais nas últimas décadas, a exemplo da emergência da globalização econômica e cultural desde a década de 1990 (Reese, 2010; Callahan, 2003; Bennett et al., 2004); do colapso financeiro de seus modelos de negócios, o que tem resultado em precarização dos empregos e na redução da força de trabalho (Waisbord, 2019); dos avanços tecnológicos que culminaram na digitalização (Pavlik, 2016; Canavilhas, 2012; Mielkniczuk & Barbosa, 2005) e, subsequentemente, na horizontalidade das redes sociotécnicas (Hermida, 2012; Hanusch & Nölleke, 2018; Primo & Zago, 2014), na algoritmização (Lewis et al., 2019; Wölker & Powell, 2021) e na própria inteligência artificial (Broussard et al., 2019; Marconi, 2020; Peña Fernández et al., 2023); da polarização política motivada e instrumentalizada pela lógica disruptiva da desinformação

(Carlson et al., 2021; Pickard, 2019; Westlund & Hermida, 2021; Ekström et al., 2019; Silva, 2022); da impunidade frente aos ataques físicos e simbólicos aos jornalistas (Kim & Shin, 2022); da maior crise sanitária da história mundial com a pandemia de covid-19 e suas consequências humanitárias, psicológicas, políticas e econômicas (Pontes et al., 2021; Papadopoulou & Maniou, 2024; Quandt & Wahl-Jorgensen, 2022), além das subseqüentes ondas de negacionismo científico (Kalichman, 2009; Miskolci, 2023; Godulla et al., 2024); e, finalmente, da correlata crise da própria ideia de expertise em várias instituições sociais, incluindo o jornalismo (Eyal, 2019; Vos & Thomas, 2018; Zimdars & McLeod, 2020).

Esse contexto, contudo, não invalida o conhecimento acumulado por décadas de teorizações sobre o jornalismo, tampouco macula a relevância de novos estudos sobre os fundamentos teóricos do campo. Pelo contrário, em contextos de crises e transformações estruturais (Deuze & Witschge, 2018; Waisbord, 2017), o jornalismo tem se deparado com sua própria necessidade social como fundamento da democracia. Nesse ínterim, antigos dilemas têm recuperado relevância e novos tensionamentos têm surgido, desafiando conceitos outrora estabilizados no conjunto de formulações teóricas que historicamente têm dado explicações às práticas jornalísticas. Como exemplo, debates recorrentes sobre a eficácia da noção de objetividade jornalística (Kovach & Rosenstiel, 2014; Schudson, 1978; Gans, 1980; Vos & Finneman, 2017) têm sido reabertos pela mobilização de epistemologias emergentes que desafiam os fundamentos racionalistas enraizados desde o iluminismo (Moraes, 2022; Harbers & Broersma, 2014; Steensen, 2017).

Outro exemplo pertinente remete à clássica teoria do gatekeeping, originalmente desenvolvida por David Manning White (1950) com base nos estudos de Kurt Lewin (1947a, 1947b). Mesmo em um cenário contemporâneo de profundas transformações no jornalismo, uma parcela significativa dos elementos básicos da teoria – tais como as noções de forças e canais desenvolvidas por Lewin (1947a, 1947b) – não perderam necessariamente sua validade teórica e sua vitalidade analítica (Shoemaker & Vos, 2009; Heinderyckx, 2017). Por outro lado, o escopo das práticas jornalísticas que a teoria foi capaz de explicar ao longo de décadas alterou-se substancialmente. Nesse cenário, tem ocorrido uma proliferação de novos conceitos que tentam dar sentido à aplicação contemporânea da teoria, incluindo as ideias de gatekeeping secundário (Singer,

2014; Wallace, 2018), de gatekeeping conversacional (Salonen et al., 2023), de gatekeeping algorítmico (Møller, 2022; Van Dalen, 2023; Cardoso, 2023), de gatwatching (Bruns, 2005, 2018; Canavilhas, 2010) e de gatebouncing (Vos, 2019), entre outros.

Contribuições-chave do dossiê

É nesse cenário que emerge o dossiê especial *“Atualizações contemporâneas nos conceitos e nas teorias do jornalismo”*, como parte das comemorações do 20º aniversário da Brazilian Journalism Research. O número especial reúne oito artigos de autores oriundos de Brasil, México, Espanha e Portugal que buscam explorar temas relacionados às reconfigurações contemporâneas do jornalismo. A ordem dos artigos no sumário segue uma linha de raciocínio que se alinha à própria proposta do dossiê. A lista de contribuições, nesse sentido, é encabeçada por atualizações conceituais consideradas essenciais no interior da proposição do número temático. Tais discussões abrangem dinâmicas jornalísticas como a escolha de fontes, a seleção e o consumo de notícias, entre outros. Na sequência, as discussões avançam para temáticas mais amplas que têm impactado substancialmente as práticas jornalísticas contemporâneas. Trata-se de debates como as dinâmicas ideológicas que tensionam o campo jornalístico e a crescente violência contra a imprensa e seus profissionais, cenário que tem assolado o jornalismo neste primeiro quarto de século.

Amaral (2025) analisa as mudanças no perfil das fontes e suas dinâmicas relacionais com os jornalistas em cinco episódios vinculados a vazamentos de informações: os Pentagon Papers; o Cablegate; o caso Snowden; os Panama Papers e a Vaza Jato. No artigo, a autora revela que as novas tecnologias de comunicação e informação têm desempenhado um papel fundamental na transformação das características das fontes de dados sigilosos e alterado suas interações com o campo profissional. Ferreira, Valiati e Mesquita (2025) propõem um marco teórico-metodológico para compreender o consumo acidental de notícias nas redes sociais com destaque para três domínios: os algoritmos, a ação humana e as estruturas das plataformas. Por sua vez, Piccinin, Paulino e Carneiro dos Santos (2025) abordam alguns dos aspectos já mencionados sobre as características contemporâneas da teoria do gatekeeping. Com base em pesquisa aplicada, os autores debatem as mudanças na

fase inicial da produção jornalística – especificamente, a concepção e a roteirização das pautas – resultantes da colaboração homem-máquina e do uso de assistentes virtuais no planejamento editorial.

Passos (2025) oferece uma (re)interpretação crítica da ideia do jornalismo como campo constituído por uma comunidade interpretativa unificada, enfatizando-se em sua análise as singularidades epistêmicas do subcampo do jornalismo literário. Kikuti (2025), por seu turno, contribui para as discussões do dossiê temático ao interpretar a crise contemporânea do jornalismo através das lentes da epistemologia feminista, abordagem inerentemente anticapitalista e comprometida com o conhecimento situado. Já Roque e Patrício (2025) apresentam uma contribuição teórica e metodológica para o estudo de iniciativas jornalísticas ligadas a grupos sociais progressistas. Com base em revisão da literatura, os autores sistematizam uma tipologia baseada em cinco modelos ideais: os arranjos jornalísticos, o jornalismo alternativo, o jornalismo comunitário, o jornalismo independente e o jornalismo periférico.

Complementarmente, Villagrán Sánchez e López Pan (2025) desenvolvem um quadro teórico para problematizar os limites sociológicos do jornalismo por meio da lente da ideologia. O artigo propõe-se a responder o questionamento sobre como os processos ideológicos promovem a noção de coesão no campo jornalístico e, ao mesmo passo, legitimam o papel cultural e cognitivo da prática profissional e endereçam ao risco de distorção das autorrepresentações para resistir às mudanças. Finalmente, Gonzáles Macías, Hernández Julián e Olivera Pérez (2025) abordam outra questão contemporânea enfrentada pelo jornalismo: o aumento da violência contra os profissionais do campo. Os autores propõem uma discussão teórica e conceitual de quatro aspectos-chave para compreender essa forma específica de agressão: uma tipologia própria, suas origens, seus impactos e as respostas dos jornalistas que a sofrem.

Rumo a um novo quadro teórico: o futuro dos conceitos do jornalismo

Como destacam os artigos selecionados, existem muitas lentes por meio das quais se pode examinar as disrupções contemporâneas no jornalismo. De fato, repensar, reteorizar ou reconceituar o jornalismo constituem agora uma obrigação prática

e intelectual essencial. Quando um fenômeno de longa data não é mais válido, acurado ou útil, não sobra outra escolha a não ser seguir em frente por novos caminhos. Desse modo, além das mudanças de rumo descritas neste dossiê temático, outros tópicos podem ser apresentados como agenda para considerações futuras.

Questiona-se: como as tradições da pesquisa em jornalismo, tais como o enquadramento, a noticiabilidade, o gatekeeping, o agendamento e a espiral do silêncio, entre tantas outras, podem ser desafiadas – e até mesmo reformuladas ou reinventadas – à luz das mudanças tecnológicas, econômicas e culturais no contexto contemporâneo? Como alguns dos conceitos-chave dos estudos em jornalismo, tais como as noções de audiência, de fontes e de canais, bem como de seleção, de produção e de distribuição das mensagens jornalísticas podem ser rearticulados diante do aprofundamento da globalização econômica e cultural, dos avanços tecnológicos (que culminam na emergência das redes sociotécnicas, na algoritmização e na inteligência artificial) e da lógica disruptiva da desinformação? Por fim, como os aspectos normativos das formulações teóricas sobre o jornalismo, incluindo as noções de liberdade de expressão, de ética e de deontologia profissional, de objetividade e de autoridade jornalística, além da interpretação da prática jornalística como “quarto poder”, são desafiados por essas tendências?

A própria experiência de organizar este dossiê temático, nesse contexto, leva a perceber o quanto inevitavelmente ainda há por fazer. O ciclo de vida de uma teoria sobre o jornalismo provavelmente continuará a encurtar-se em um futuro previsível, o que significa que os pesquisadores do campo devem sempre tatear os limites das teorias por ora apresentadas – repensando o que pode e o que não pode ser explicado por estruturas já familiares ao universo da pesquisa – e contemplando novas teorias que possam abordar as exigências oriundas dos desenvolvimentos e das descobertas que mostram-se em constante mudança.

REFERÊNCIAS

Amaral, M. G. R. (2025). New roles of sources in journalism: a study on information leaks (1970-2020). *Brazilian Journalism Research*, 21(3), e1804. DOI: 10.25200/BJR.v21n3.2025.1804

Barnhurst, K. G., & Nerone, J. (2001). *The form of news: A history*. Guilford Press.

Bennett, W. L., Pickard, V., Iozzi, D. P., Schroeder, C. L., Lagos, T., & Caswell, E. C. (2004). Managing the Public Sphere: Journalistic Construction of the Great Globalization Debate. *Journal of Communication*, 54(3), 437–455. DOI: 10.1111/j.1460-2466.2004.tb02638.x

Benson, R., & Neveu, E. (Eds.). (2005). *Bourdieu and the journalistic field*. Polity Press.

Broussard, M., Diakopoulos, N., Guzman, A. L., Abebe, R., Dupagne, M., & Chuan, C. H. (2019). Artificial intelligence and journalism. *Journalism & Mass Communication Quarterly*, 96(3), 673-695. DOI: 10.1177/1077699019859901

Bruns, A. (2005). *Gatewatching: Collaborative online news production*. Peter Lang.

Bruns, A. (2018). *Gatewatching and news curation: Journalism, social media, and the public sphere (Digital Formations, 113)*. Peter Lang.

Budarick, J. (2023). Media, Democracy and Pluralism: Exploring a Radical Response to the Crisis of Journalism. *Journalism Studies*, 24(5), 594–611. DOI: 10.1080/1461670X.2023.2173959

Callahan, S. (2003). New Challenges of Globalization for Journalism. *Journal of Mass Media Ethics*, 18(1), 3–15. DOI: 10.1207/S15327728JMME1801_02

Canavilhas, J. (2011). Del gatekeeping al gatewatching: el papel de las redes sociales en el nuevo ecosistema mediático. In F. Irigaray, D. Ceballos & M. Manna (Eds.), *Periodismo Digital: convergencia, redes y móviles* (pp. 119-133). Laborde.

Canavilhas, J. (2012). From remediation to convergence: looking at the Portuguese media. *Brazilian Journalism Research*, 8(1), 7-21. DOI: 10.25200/BJR.v8n1.2012.406

Castells, M. (2012). *Redes de indignación y esperanza: los movimientos sociales en la era de internet*. Alianza Editorial.

Cardoso, G. (2023). *A Comunicação da Comunicação: as pessoas são*

a mensagem. Mundos Sociais.

Carlson, M., Robinson, S., Lewis, S. C., & Berkowitz, D. A. (2018). Journalism Studies and its Core Commitments. *Journal of Communication*, 68(1), 6–25. DOI: 10.1093/joc/jqx006

Carlson, M., Robinson, S., & Lewis, S. C. (2021). *News after Trump: Journalism's crisis of relevance in a changed media culture*. Oxford University Press.

Delarbre, R. T. (2009). Internet como expressão e extensão do espaço público. *MATRIZES*, 2(2), 71-92. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v2i2p71-92

Deuze, M., & Witschge, T. (2018). Beyond journalism: Theorizing the transformation of journalism. *Journalism*, 19(2), 165-181. DOI: 10.1177/1464884916688550

Ekström, M., Lewis, S. C., & Westlund, O. (2019). Epistemologies of digital journalism and misinformation. *New Media & Society*, 22(2), 205–212 . DOI: 10.1177/1461444819856914

Eyal, G. (2019). *The Crisis of Expertise*. Polity Press.

Ferreira, A. C., Valiati, V. A., & Mesquita, L. (2025). Building a framework to understand accidental news consumption on Instagram. *Brazilian Journalism Research*, 21(3), e1801. DOI: 10.25200/BJR.v21n3.2025.1801

Gans, H. J. (1980). *Deciding what's news: A study of CBS evening news, NBC nightly news, Newsweek, and Time*. Vintage Books.

Godulla, A., Seibert, D., & Klute, T. (2024). What Is Denialism? An Examination and Classification of Definitional Approaches and Relevant Actors. *Journalism and Media*, 5(1), 135–147. DOI: 10.3390/journalmedia5010010

González Macías, R. A., Hernández Julián, A. L., & Olivera Pérez, D. (2025). Violence against the press: an approach to its causes, types, impacts, and responses. *Brazilian Journalism Research*, 21(3), e1807. DOI: 10.25200/BJR.v21n3.2025.1807

Hanitzsch, T., Hanusch, F., Ramaprasad, J., & de Beer, A. S. (Orgs.). (2019). *Worlds of Journalism: Journalistic Cultures Around the Globe*.

Columbia University Press.

Hanusch, F., & Nölleke, D. (2018). Journalistic Homophily on Social Media: Exploring journalists' interactions with each other on Twitter. *Digital Journalism*, 7(1), 22–44. DOI: 10.1080/21670811.2018.1436977

Harbers, F., & Broersma, M. (2014). Between engagement and ironic ambiguity: Mediating subjectivity in narrative journalism. *Journalism*, 15(5), 639–654. DOI: 10.1177/1464884914523236

Heinderyckx, F. (2017). Gatekeeping Theory redux. In T. P. Vos & F. Heinderyckx (Orgs.), *Gatekeeping in Transition* (pp. 253-267). Routledge.

Hermida, A. (2012). Social journalism: Exploring how social media is shaping journalism. In E. Siapera & A. Veglis (Orgs.), *The handbook of global online journalism* (pp. 309–328). Wiley-Blackwell.

Kalichman, S. C., & Kalichman, S. C. (2009). Denialist Journalism and Conspiracy Theories. In S. C. Kalichman (Org.), *Denying AIDS: Conspiracy Theories, Pseudoscience, and Human Tragedy* (pp. 1–24). Springer.

Kikuti, A. (2025). Observing “journalism in crisis” through a feminist lens. *Brazilian Journalism Research*, 21(3), e1785. DOI: 10.25200/BJR.v21n3.2025.1785

Kim, C., & Shin, W. (2022). Harassment of journalists and its aftermath: Anti-press violence, psychological suffering, and an internal chilling effect. *Digital Journalism*, 13(2), 232–248. DOI: 10.1080/21670811.2022.2034027

Kovach, B., & Rosenstiel, T. (2014). *The elements of journalism: What newspeople should know and the public should expect* (3ª ed.). Three Rivers Press.

Lang, F. (Director). (1927). *Metropolis* [filme]. UFA.

Lewin, K. (1947a). Frontiers in group dynamics: Concept, method and reality in social science; social equilibria and social change. *Human relations*, 1(1), 5-41. DOI: 10.1177/001872674700100103

Lewin, K. (1947b). Frontiers in group dynamics: II. Channels of group life; social planning and action research. *Human relations*, 1(2), 143-

153. DOI: 10.1177/001872674700100201

Lewis, S. C., Sanders, A. K., & Carmody, C. (2019). Libel by algorithm? Automated journalism and the threat of legal liability. *Journalism & Mass Communication Quarterly*, 96(1), 60-81. DOI: 10.1177/1077699018755983

Marconi, F. (2020). *Newsmakers: Artificial intelligence and the future of journalism*. Columbia University Press.

McBride, K., & Rosenstiel, T. (Eds.). (2013). *The new ethics of journalism: Principles for the 21st century*. CQ Press.

Mellado, C., Georgiou, M., & Nah, S. (2020). Advancing Journalism and Communication Research: New Concepts, Theories, and Pathways. *Journalism & Mass Communication Quarterly*, 97(2), 333-34. DOI:10.1177/1077699020917204

Mielkniczuk, L., & Barbosa, S. (2005). Digital journalism: democratizing social memory. *Brazilian Journalism Research*, 1(2), 65-80. DOI: 10.25200/BJR.v1n2.2005.57

Miskolci, R. (2023). Beyond science denialism: disinformation during the Covid-19 pandemic. *Sociologias*, 25, e-soc123090. DOI: 10.1590/18070337-123090EN

Møller, L. A. (2022). Recommended for you: how newspapers normalise algorithmic News recommendation to fit their gatekeeping role. *Journalism Studies*, 23(7), 800-817. DOI: 10.1080/1461670X.2022.2034522

Moraes, F. (2022). *A pauta é uma arma de combate: subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza*. Arquipelago.

Papadopoulou, L., & Maniou, T. A. (2024). Lockdown'on digital journalism? Mapping threats to press freedom during the COVID-19 pandemic crisis. In O. Westlund, R. Krøvel & K. S. Orgeret (Orgs.), *Journalism and Safety: an introduction to the field* (pp. 66-88). Routledge.

Passos, M. Y. (2025). Epistemic pluralities: a critique of the notion of journalists as an interpretative community. *Brazilian Journalism Research*, 21(3), e1805. DOI: 10.25200/BJR.v21n3.2025.1805

Pavlik, J. V. (2016). Data, Algorithms, and Code: Implications for journalism practice in the digital age. In S. A. Eldridge, D. Cheruiyot, S. Banjac & J. Swart (Orgs.), *The Routledge companion to digital journalism studies* (pp. 265–273). Routledge.

Peña-Fernández, S., Meso-Ayerdi, K., Larrondo-Ureta, A., & Díaz-Noci, J. (2023). Without journalists, there is no journalism: the social dimension of generative artificial intelligence in the media. *Profesional de la información*, 32(2), e320227. DOI: 10.3145/epi.2023.mar.27

Piccinin, F., Paulino, R., & Carneiro dos Santos, M. (2025). Gatekeeper reload: the expansion of news planning in the age of artificial intelligence, Applied development, and conceptual reconfiguration model. *Brazilian Journalism Research*, 21(3), e1803. DOI: 10.25200/BJR.v21n3.2025.1803

Pickard, V. (2019). *Democracy without journalism? Confronting the misinformation society*. Oxford University Press.

Pontes, F. S. (2017). Adelmo Genro Filho and the Theory of Journalism: 30 Years of “The Secret of the Pyramid”. *Brazilian Journalism Research*, 13(1), 154–181. DOI: 10.25200/BJR.v13n1.2017.960

Pontes, F. S., Silva, M. P., & Souza, R. B. R. (2021). Jornalismo e conhecimento em tempos de capitalismo pandêmico: um manifesto à totalidade concreta. *Libero*, (49), 11-26. Recuperado de <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/1702/1307>

Primo, A., & Zago, G. (2014). Who And What Do Journalism? An actor-network perspective. *Digital Journalism*, 3(1), 38–52. DOI: 10.1080/21670811.2014.927987

Quandt, T., & Wahl-Jorgensen, K. (2022). The coronavirus pandemic and the transformation of (digital) journalism. *Digital Journalism*, 10(6), 923-929. DOI: 10.1080/21670811.2022.2090018

Reese, S. D. (2010). Journalism and Globalization. *Sociology Compass*, 4(6), 344–353. DOI: 10.1111/j.1751-9020.2010.00282.x

Roque, R., & Patricio, E. (2025). Diversity in Latin American journalism: conceptual insights. *Brazilian Journalism Research*, 21(3), e1806. DOI: 10.25200/BJR.v21n3.2025.1806

Salonen, M., Olbertz-Siitonen, M., Uskali, T., & Laaksonen, S.-M. (2023). Conversational gatekeeping – Social interactional practices of post-publication gatekeeping on newspapers' Facebook pages. *Journalism Practice*, 17(9), 2.053–2.077. DOI: 10.1080/17512786.2022.2034520

Schudson, M. (1978). *Discovering the news: A social history of American newspapers*. Basic Books.

Schudson, M. (2011). *The Sociology of News* (2^a Ed.). W. W. Norton & Company.

Scott, R. (Director). (1982). *Blade Runner* [filme]. Ladd Company, Shaw Brothers, Warner Bros.

Shoemaker, P. J., & Vos, T. P. (2009). *Gatekeeping theory*. Routledge.

Silva, M. P. (2022). A forma como trama no horizonte da desinformação: Pressupostos e hipóteses sobre a disseminação de informações não-jornalísticas de expressão noticiosa. *Razón Y Palabra*, 26(114), 276–292. DOI: 10.26807/rp.v26i114.1924

Singer, J. B. (2014). User-generated visibility: Secondary gatekeeping in a shared media space. *New Media & Society*, 16(1), 55–73. DOI: 10.1177/1461444813477833

Steensen, S. (2017). Subjectivity as a Journalistic Ideal. In B. K. Fonn, H. Hornmoen, N. Hyde-Clarke & Y. B. Hågvær (Orgs.), *Putting a Face on it: Individual Exposure and Subjectivity in Journalism* (pp. 25–47). Cappelen Damm Akademisk.

Van Dalen, A. (2023). *Algorithmic Gatekeeping for Professional Communicators: Power, Trust, and Legitimacy*. Taylor & Francis.

Villagrán Sánchez, A., & López Pan, F. (2025). Theorizing ideology as an integral framework for studying the sociological demarcation of journalism. *Brazilian Journalism Research*, 21(3), e1906. DOI: 10.25200/BJR.v21n3.2025.1906

Vos, T. P. (2019a). Journalists as gatekeepers. In K. Wahl-Jorgensen & T. Hanitzsch (Orgs.), *The handbook of journalism studies* (pp. 90–104). Routledge.

Vos, T. P. (2019b). Journalism as institution. In J. F. Nussbaum & M. Powers (Orgs.), *Oxford Research Encyclopedia of Communication*.

Oxford University Press.

Vos, T. P. (2022). The social roles of journalism. In S. Allan (Org.), *The Routledge Companion to News and Journalism* (pp. 73-81). Routledge.

Vos, T. P., & Finneman, T. (2017). The early historical construction of journalism's gatekeeping role. *Journalism*, 18(3), 265–280. DOI:10.1177/1464884916636126

Vos, T. P., & Thomas, R. J. (2018). The discursive construction of journalistic authority in a post-truth age. *Journalism Studies*, 19(13), 2001-2010. DOI: 10.1080/1461670X.2018.1492879

Wachowski, L., & Wachowski, L. (Directors). (1999). *Matrix* [filme]. Groucho II Film, Silver Pictures, Warner Bros.

Waisbord, S. (2017). Crisis? What crisis. In C. Peters & M. Broersma (Orgs.), *Rethinking journalism again: societal role and public relevance in the digital age* (pp. 205–215). Routledge.

Waisbord, S. (2019). The vulnerabilities of journalism. *Journalism*, 20(1), 210-213. DOI: 10.1177/1464884918809283

Wallace, J. (2018). Modelling Contemporary Gatekeeping. *Digital Journalism*, 6(3), 274-293. DOI: 10.1080/21670811.2017.1343648

Westlund, O., & Hermida, A. (2021). Data journalism and misinformation. In H. Tumber & S. Waisbord (Orgs.), *The Routledge companion to media disinformation and populism* (pp. 142-150). Routledge.

White, D. M. (1950). The gatekeeper: a case study in the selection of news. *Journalism Quarterly*, 27(4), 383–390. DOI: 10.1177/107769905002700403

Wölker, A., & Powell, T. E. (2021). Algorithms in the newsroom? News readers' perceived credibility and selection of automated journalism. *Journalism*, 22(1), 86–103. DOI: 10.1177/1464884918757072

Zimdars, M., & McLeod, K. (Eds.). (2020). *Fake news: Understanding media and misinformation in the digital age*. MIT Press.